

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

MARTINS JUNIOR.	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
AQUARELLA.	Martins Junior.
RIMANCE	Annibal Falcão.
SUNT LACRYMÆ RERUM.	Esequiel Ramos Junior.
LIVROS	Cosimo.
CAIPORISMO	Arthur Azevedo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONO	Alfredo Bastos.
SUPREMO GOSO.	Alfredo de Magalhães.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato do
DR. ALFREDO BARCELLOS

MARTINS JUNIOR

«José Isidoro Martins Junior nasceu aos 24 de novembro de 1864, na cidade do Recife, e é filho legitimo de José Isidoro Martins e D. Francisca Emilia de Oliveira Martins.

Concluiu muito cedo os seus estudos preparatorios, e appareceu na imprensa aos quatorze annos. Já n'essa idade redigia periodicos litterarios de collaboração com Francisco Campello e Leovegildo Samuel.

Matriculou-se em 1879 na Faculdade de Direito, obtendo o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes aos 13 de novembro de 1883.

Por occasião de sua formatura, Martins Junior, com toda a sobrançeria e isenção de animo, recusou-se a prestar o juramento religioso adoptado para os bacharelados, e agradeceu o grão conferido, não em nome da lei, mas no de seus paes, que com tantos sacrificios lhe haviam proporcionado mais aquelle laurel para a sua vida de homem estudioso.

Esse facto, pouco commum nos annaes academicos, produziu sensação. O presidente do acto quiz suspender o joven bacharelado, e isso deter-

minou, em favor d'este, brilhante manifestação de adhesão e apreço.

Martins Junior foi o primeiro no Norte, e quiçá no Brasil, que, já em folhetos, já em artigos pela imprensa, levantou a ideia do scientificismo na poesia.

Na questão abolicionista prestou importantissimos serviços, collocando-se valentemente ao lado d'essa generosa ideia, cuja propaganda fazia muito antes de apparecer o projecto Dantas.

Desde verdes annos foi fervoroso adepto do regimen republicano. A sua dedicação e serviços a essa causa valeram-lhe a investitura de chefe da politica republicana em Pernambuco, isso muito tempo antes da fundação da Republica no Brasil.

Quando esta chegou, foi elle nomeado chefe de policia, logar que exerceu durante algum tempo.

Tendo-se submettido a varios concursos para o logar de lente da Faculdade de Direito do Recife, e conquistando a melhor classificação, ao ponto de n'um d'elles ser o unico classificado, nunca pôde, durante o dominio monarchico, merecer o premio de seus esforços com uma cadeira de lente. Só o conseguiu em 30 de novembro de 1889, quinze dias depois de proclamada a Republica. O actual governo galardoou-o, escolhendo-o para director d'aquella Faculdade, cargo que ainda occupa.

Martins Junior fundou e dirigio durante muito tempo a *Folha do Norte*, depois o *Norte*, ao lado do legendario vulto Maciel Pinheiro, e de Annibal Falcão, Sousa Pinto, Alfredo Falcão e outros.

Recusou, durante o governo do Sr. Henrique de Lucena em Pernambuco, a inclusão do seu nome na chapa para deputado ao Congresso Nacional, por se julgar incompativel com outros candidatos da mesma chapa.

Foi eleito ultimamente ao Congresso de seu Estado, e, sendo candidato do partido republicano a uma vaga no Congresso Federal, é o mais votado da lista.

Recusou por tres vezes o cargo de governador de Pernambuco: a primeira logo depois da proclamação da Republica; a segunda por occasião de ser substituido o general Simeão José de Oliveira;

a terceira quando se deu ultimamente a eleição que poz no governo o Sr. Barbosa Lima.

Martins Junior tem publicado os seguintes livros: *Estilhaços*, versos; *Visões de hoje*, poema philosophico; a *Poesia scientifica*, estudo critico; *Retalhos*, versos; o *Stereographo*, estudo critico; *Fragmentos juridico-philosophicos*; *Jesus e os Evangelhos*, de Jules Soury, traducção feita de sociedade com Clovis Bevilaqua e J. Freitas. Tem no prelo *Tela polychroma*, versos, e promptos para o prelo *Evolução*, poema philosophico, e *Brados e golpes*, livro de litteratura e critica.

Como chefe politico tem sabido impor-se pelo seu patriotismo e amor á causa publica. Todos os seus coestadanos, até mesmo os seus adversarios conscienciosos, se habituaram, desde os tempos academicos, a votar-lhe o maior respeito, sympathia e admiração pela sua inteireza de character, talento invejavel, abnegação e firmeza de principios — o que constitue uma tradição em torno de seu nome, tornando-se coisas dogmaticas e proverbiaes.

Taes sentimentos acabam de ter eloquente prova no dia 24 de novembro ultimo, data de seu anniversario natalicio, em que elle foi objecto da mais estrondosa manifestação popular que se pôde fazer a um homem politico.

Martins Junior é, afinal, considerado sob diversos aspectos: jornalista, orador, juriconsulto, poeta, critico, philosopho, professor, politico, etc.; sob essas diferentes faces tem elle attestado o seu talento, a sua virtude, o seu character e a sua força genial, inventiva e productora.

São estas as simples notas, desalinhavadas, que posso de memoria organizar a respeito de Martins Junior, cuja biographia, comquanto seja elle ainda tão joven, daria materia para volumes.

O bello artigo que ahi fica entre aspas, foi-nos obsequiosamente remettido a titulo de notas, por um amigo intimo e companheiro de Martins Junior, a quem recorremos para obtenção de elementos com os quaes poderemos traçar o esboço biographico do illustre moço pernambucano.

Como vio o leitor, esse artigo é, pelo menos, tão completo como os demais esboços biographicos publicados pelo *Album*. Resolvemos, portanto, inseril-o tal qual nos foi mandado, supprimindo apenas, para obedecer ao programma d'este periodico, ligeiras mas penetrantes apreciações politicas.

O que mais admiramos em Martins Junior, e o que nos leva a honrar o *Album* com o seu retrato, não é o politico, mas o artista, que brilha como um astro de primeira grandesa na grande constellação litteraria de Pernambuco.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

O incendio do Lyceu de Artes e Officios occupou a semana inteira. A consternação foi geral. D'esta vez o povo comprehendeu perfeitamente que o grande prejudicado foi elle.

O sinistro clarão que illuminou a cidade na noite de 26 de fevereiro, parecia a apotheose de Bethencourt da Silva.

No dia seguinte ao do incendio, esse homem extraordinario, sem casa, sem roupa, profundamente magoado pela perda irreparavel de seus bellos moveis antigos, quadros, objectos de arte, livros queridos e preciosos papeis, — esse homem extraordinario, esse grande brasileiro, em vez de tratar de si e dos seus, egualmente despojados de tudo, dirigia-se ao povo, pedindo a reconstrucção do Lyceu de Artes e Officios!

O direito de viver no Rio de Janeiro custa hoje esforços e sacrificios terriveis, mas o povo accudirá ao doloroso appello do grande amigo do povo, e o Lyceu de Artes e Officios resurgirá d'aquellas cinzas mais bello e mais altivo que nunca!

*

O incendio, que todos amargamente deploram, deu lugar a um facto extraordinario e notavel: o commandante do Corpo de Bombeiros foi censurado por parte da nossa imprensa! Isso não acontecia desde os tempos do truculento e retumbante Carvalho, que, coitado! lutou sempre com a má vontade dos jornalistas e a falta de bom material e pessoal adestrado.

Accusam o commandante do Corpo de Bombeiros de ter deixado o fogo propagar-se até a bibliotheca do Lyceu, precioso e inestimavel deposito de quatro mil volumes, impressos e manuscriptos.

Não vi de perto o incendio, não acompanhei o serviço da extincção do fogo, não estive lá; assisti, porém, do morro de Santa Thereza ao spectaculo horriavelmente bello d'aquellas chammas que ameaçavam devorar toda a cidade, e convenci-me de que um quarteirão inteiro desappareceria.

Quando no dia seguinte verifiquei, sorpreso, que todo o quarteirão estava como d'antes, e uma boa parte do proprio edificio do Lyceu havia sido salva, não obstante a falta d'agua, tive impetos de ir abraçar o commandante do Corpo de Bombeiros! Imaginem, pois, com que desgosto o vi accusado em letra redonda!

*

O sobrado da Guarda Velha (assim se chamou durante muito tempo o edificio ha dias incendiado) tem a sua historia, e vem a pello, cuida, conta-a aos meus leitores.

Quando el-rei nosso senhor D. João VI veio para o Rio de Janeiro, trouxe comsigo, já se sabe, nu-

merosa e brilhante comitiva, da qual fazia parte José Rufino de Sousa Lobato, guarda-joias da casa real

No paço não havia logar para a residencia d'esse funcionario e accomodação das joias e alfaias entregues á sua guarda; por isso, elle foi autorizado a construir o «sobrado da Guarda Velha» por conta do erario regio.

A construcção teve começo em 1815 e ficou prompta no anno seguinte.

Quatro annos depois, achando José Rufino a casa ainda pequena, principiou a edificar outra, contigua, sob o mesmo plano, fazendo esquina com o becco do Cayrú; mas essa construcção parou com a retirada da familia real para Lisboa, em 26 de Abril de 1821.

No predio principal, que naturalmente ficou pertencendo á Nação, estabeleceu-se o Quartel General, e o outro, concluido a trunxe-mouxe, foi utilizado para quartel de cavallaria, e depois habitado por familias de militares e empregados publicos, que não pagavam alugel... Ah! se fosse hoje!...

Um incendio devorou o madeiramento do ex-quartel; só ficaram as paredes, que o ministro Angelo Muniz da Silva Ferraz mandou pôr abaixo, construindo então o famoso edificio em que funcionou por muito tempo a Typographia Nacional, edificio escuro e humido, cujas paredes—lembram-se?—tinham oculos em vez de janellas! Pobre gente que trabalhava alli dentro!

Entretanto, no «sobrado da Guarda Velha» accomodara-se a Secretaria do Imperio, e por ultimo o Lyceu de Artes e Officios.

A.

AQUARELLA

Uma nesga de céo, curva e lavada
Pela chuva de sol que molha o poente,
Cobre ao longe serena, ethereamente,
A linha do horisonte opalejada.

Sobre o segundo plano, uma ondulada
Planicie vê-se E a um canto a viridente
Cabelleira de uma arvore potente
Tinge de verde a vastidão dourada.

Morre a planicie ao pé de uma montanha...
E a montanha parece um obelisco
De terra-cota e de estructura estranha.

Emquanto, em baixo, o caprichoso risco
De uma casa de ogivas lembra a Hespanha
E as linhas nobres de um solar mourisco.

MARTINS JUNIOR.

RIMANCE

Isto foi no tempo em que a palavra — Amor — não tinha plural. D'essa epoca de ouro não resam as chronicas, mas fallam com saudosas recordações os corações puros e férvidos. Demais, não quero insistir na veracidade da historia. Estaes deitados em fofos leitos e os picheis de prata lavrada têm muita vez já hoje chegado aos vossos labios resequidos pela sede de um dia de calma e de uma jornada passada a montear através de montes e valles: eu, porém, apenas chego á vossa mesa, e tenho de, logo, continuar a minha perigrinação.

Crede-me, pois, sem mais, porque a trova ouvi-a eu a um velho troveiro, que, ao recontal-a, tinha na voz e na alma lagrimas tão profusas como os prateados fios da barba que lhe descia ao peito harmonioso. Ouvide:

TROVA I

« Nunca nos balcões dos antigos castellos desenhou-se figura mais bella e mais candida debruçada sobre os jardins, ao cahir da tarde estival, ou em noites silentes da primavera; nunca, tão doce e pensativo para o mar mollemente recurvo, alongou-se olhar cheio de mais casta e branda tristesa, de indefinido amor e saudade perenne,

« Todavia, ninguem sabia a causa d'aquella magoa, que era sem par, e não parecia d'este mundo.»

TROVA II

« Como os pretendentes de Itaké, segundo cantam os versos do divino cego e mendigo, os cavalleiros, ou resplandecendo sob a seda da paz, ou debaixo da cota guerreira, lidavam, como em porfiada e cruenta justa, pela obtença d'aquelle coração meigo; mas a cavalleiros e infanções nunca os seus olhos deram aquelle volver suave e delicado, que é a promessa primeira do Amor.»

TROVA III

« Desesperados os pretendentes um dia, certo d'elles, que tinha nome Astrigildo, fallou-lhe assim:

« — Dama! Aqui estamos, os mais esforçados cavalleiros das Hespanhas, heroicos na peleja e nos alcaçares das formosas donzellas donas e amantes mais do que os errabundos troveiros; aqui estamos, desde annos, empenhados na mercê da vossa mão e do vosso amor; e por todo galardão e premio, temos a vossa indifferente e fria tristura. Importa que, para salvar a um, mateis os demais. Sahiremos pelo mundo largo a fazer acções espantosas e grandes;

e, ao maior e mais cavalleiro escolhereis para o vosso esposo e captivo.

« — Ide, murmurou a Dama. »

TROVA IV

« E sahiram os cavalleiros :

« Um fez-se navegador do mar, e desceu ao fundo das ondas encapelladas, esculdrinhou as profundezas temerosas, lutou com os furacões de Deus, os monstros da Natura e o genio das costas inhospitas; outro votou-se á causa dos pobres abandonados, libertou donzellas que velhos crueis guardavam em castellos sombrios, punio usurpadores de thronos; outro cobrio-se de gloria batendo os infieis em peleja continuada e durissima; outro internou-se na Africa adusta, e foi ao reino maravilhoso de Preste João: e todos, triumphadores e grandes, no rosto uma expressão de jubilo e de ledice, volveram passados annos. »

TROVA V

« Mas um delles faltava: o que havia nome Astrigildo, grande na bravura, coração de pagem.

« E, sendo reunidos no salão, sentados em stallos de altos espaldos, dispostos em fileira, illuminados pelo clarão dos brandões ardentes, Ruderico fallou:

« — Dama! Partimos dose e onze volvemos. O que foram as nossas façanhas e combates, como levamos a rota aos esquadrões de serracenos, ou dominamos o furor do pégo férvido, ides ouvil-o, e, depois, de vossa boca fareis cahir a sentença de eleição. »

« E os cavalleiros, um a um, disseram as suas acções. Houve depois um silencio frio e como lugubre, findo o qual disse a Dama, em lagrimas o peito crystalino:

« — Desde o dia em que montastes vossos ginetes de guerra e vos partistes a pelear e cobrir-vos de gloria, Astrigildo arrebatou-me o coração. Tornastes, e não o vejo aqui: elle é o eleito do meu amor.

« Então Ruderico tirou do seio um pergaminho, atado em fios de seda, collados com cera cor de rosa; entregou-o á Dama, que o leu, e cahio sem espiritos. »

TROVA VI

« Depois d'esse dia, nunca mais, ao cahir das tardes estivaes, ou por noites silentes e calmas, houve quem visse, debruçada sobre o balcão do alcaçar, a meiga figura da Donzella. »

ANNIBAL FALCÃO.

SUNT LACRYMÆ RERUM

A CANTO E MELLO

Desgraçado quem nutre no espirito uma afficção secreta!

BAVAHBOUTI—Rama

Muitas vezes á tarde eu vou sentar-me, longe
Do mundo, n'um rochedo, á borda de um abysmo.
E a Noite vem roçando o seu burel de monge
Na terra, em torno a mim que solitario scismo.

A' sombra dos bambus mexidos pelas aves
Que abafam seu chilido aos ninhos se acolhendo,
Ponho no firmamento azul meus olhos graves
E pela solidão nostalgica os estendo.

Não sei por que rasão me rolam pela face
As lagrimas caudaes de estranhas agonias:
Talvez uma illusão de mais que se apagasse,
Talvez uma lembrança amarga de outros dias

E nada me distrae das funebres ideias
Que me vêm assaltar com hediondez de abutres;
Pois tu só, desespero! erguendo melopeias,
D'este meu coração misserrimo te nutres.

Em vão passeio o olhar pela planicie extensa,
Por valles e alcantis, por campos e florestas:
Envolve todo o globo a mesma nuvem densa,
Palpita o mesmo horror nas solidões funestas.

Aqui, alli, além: viuvez, desterro, vacuo.
Hontem, hoje, amanha: fumaça, pó, caligem.
Tragicamente me uiva o coração, e aplaco-o
Só quando amarroá estrophe as magoas que me affligem.

Que me importam acaso as mysticas estrellas
E as scismas que o luar derrama pelos montes?
Conforto não me dão; só me aborrece o vel-as
Clareando eternamente os mesmos horisontes.

Monotonia atroz! O' coração afflicto,
Sae da negra prisão, no lodo não te manches!
A aguia dos Alpes quer as steppes do infinito
E o concerto infernal das brutas avalanches.

Indifferente encaro a Natureza escura,
Sem soffrer diante d'ella o minimo transporte;
E digo: Em parte alguma espera-me a ventura;
Porque não vens buscar teu filho triste, ó morte?

Pareço uma caveira esborcellada e tesa,
Meu espirito enxerga o tumulto já perto
Florestas, solidões! a vós, á Natureza
Falta um unico ser, e tudo está deserto!

Mas eu devo abafar o ardor que me devora...
Meus amigos! quando eu morrer do que succumbo,
Abri-me o peito, e, em vez do coração de outr'ora,
Vereis uma porção de cinsas cor de chumbo.

ESEQUIEL RAMOS JUNIOR.



MARTINS JUNIOR

LIVROS

Esequiel Ramos Junior mimoseou a redacção do *Album* com um exemplar dos seus *Poemas*, publicados em S. Paulo o anno passado.

O volume, nitidamente impresso na typographia King, tem para mais de cento e cinquenta paginas, e divide-se em cinco partes, *Harpa eolia*, *Oasis*, *Caçoulas*, *Nevoas* e *Cyprestes*, e abre com um bonito prefacio de Pedro Moacyr.

Na capa vem gravada uma caveira humana, trazendo nos olhos o nome do autor e na bocca o titulo da obra. Achei a phantasia de má gosto, e não comprehendí a intenção d'esse emblema funebre.

Entretanto, quem mal impressionado ficou pela caveira, abrindo e lendo o livro verá dissipada a sua má impressão.

A julgar pelo prefacio de Pedro Moacyr, Esequiel Ramos Junior escreveu estes versos entre a 16^a e a 17^a primavera. Permittam os senhores que eu lhes diga : estamos em frente de um caso de precocidade verdadeiramente phenomenal. Ha neste livro paginas que niuguem dirá escriptas por uma criança ; por exemplo, a composição *Lasciate ogni speranza*, e outras, cuja citação me levaria longe.

Esequiel Ramos Junior é um puritano da fórma, sem deixar de ser conceituoso e sentimental. Nos seus versos as rimas raras succedem-se umas ás outras, sem que o leitor dê pelo esforço com que o poeta as utilisou. Aqui o pariazianismo não prejudica absolutamente o artista.

Um grande futuro está sem duvida reservado a este brilhante e sorprendente mancebo.

N'outro logar transcreve o *Album* uns bellos versos dos *Poemas*.

*

Heitor Guimarães, o sympathico poeta dos *Versos e reversos*, acaba de reunir em volume alguns dos seus contos e phantasias ; intitolou-os *Multicores*.

O titulo é bem achado porque realmente a leitura do livro dá uma impressão polychroma, tal é a variedade dos assumptos e das sensações.

Só uma coisa me aborreceu neste volume, aliás muito bem manufacturado na Imprensa Nacional: foi a seguinte declaração :

« Imprimiram-se desta obra 50 exemplares em papel Hollanda (edição especial para a Exposição de Chicago). »

Pelo amor de Deus deixemos em paz a exposição de Chicago, e admiremo-nos aqui mesmo uns aos outros sem sahir de nossa terra!

COSIMO.

CAIPORISMO

I

- Oh ! Secundino !
- Oh ! Borges !
- Tu no Rio de Janeiro !
- Ha oito dias:
- Vieste a passeio ?
- Não, meu amigo ; vim tocado pela desgraça.
- Pela desgraça ?
- «Desgraça» é talvez forte de mais. Pelo caiporismo, se quizeres.
- E és tão caipora assim ?
- Pertenço ao numero dos taes que caem de costas e quebram o nariz !
- Oh, diabo! entremos neste café, e, enquanto tomamos alguma coisa, conta-me qual tem sido a tua vida nestes dose annos de ausencia.
- Isto passava-se na rua do Ouvidor, em frente ao Paschoal. Os dous amigos e comprovincianos entraram no café do Rio, e sentaram-se a uma das mesas.

II

— A minha vida, principiou Secundino, resume-se n'uma palavra: miseria. Quando vieste da Victoria e lá me deixaste, eu era ainda, por bem dizer, uma criança. Vivia em casa de minha familia, onde nada me faltava. Morreu meu pae, morreu minha mãe, minhas irmans casaram-se, e eu fiz-me socio de uma loja de fazendas. Ao fim de seis mezes, abriram-me fallencia. Sahi com uma mão atraz e outra adiante, e fui ser caixeiro de um bruto, um ingrato, que, ao fim de oito annos, em vez de me dar sociedade, passou a casa a um sujeito meu desaffectedo. Desgostoso, abandonei o commercio e quiz ser empregado publico. Apresentei-me em quatro concursos, e, apezar de bem classificado, não consegui que me nomeassem. Fundei uma folha, que acabou logo por falta de assignantes. Contractei casamento com a filha de um fazendeiro rico de S. Matheus, e a minha querida noiva, que me estimava muito, morreu um mez antes do dia marcado para o casamento. Afinal, desesperado, baldou inteiramente de recursos, aceitei um logar de continuo na Thezouraria de Fazenda...

— Tu ?! Com as tuas habilitações ?!

— E' para que vejas, respondeu Secundino com lagrimas na voz. Mas isso mesmo foi considerado muito para mim. Demittiram-me accintosamente por não ter votado no candidato official nas ultimas eleições. Resolvi então vir para o Rio de Janeiro, ao Deus dará... Arranjei duzentos e tantos mil réis, vendendo tudo quanto possuia, e aqui estou sem emprego, sem esperanças, sem promessas, sem relações, e com sessenta mil réis no bolso. E' tudo quanto me resta da minha fortuna.

— Pois bem, offereço-te um emprego.
 — Devéras ?
 — Oh ! não é coisa para arregalares d'esse modo os olhos. E' um biscato, que te póde servir emquanto não arranjas coisa melhor.
 — Tudo me serve, meu amigo : a minha situação é desesperadora.
 — Pois bem. Conheces a viuva Salgado ?
 — Eu não conheço aqui ninguém.
 — Tens razão. A viuva Salgado é uma senhora riquíssima. Tem duas filhas. Quer que ellas saibam francez e inglez, e incumbio-me de contractar um professor que lhes dê lições em casa, duas vezes por semana, ganhando cento e vinte mil réis mensaes.
 — Mas é uma pechincha !
 — Não tens que perder tempo. Aqui está um cartão meu para te apresentares hoje mesmo, agora mesmo, se quizeres, em casa da viuva Salgado.
 — Onde é ?
 — Rua do Cattete.
 — Numero ?
 — Não sei o numero, mas o conductor te indicará a casa. Não ha quem não conheça a viuva Salgado. Olha, toma-se o bonde alli defronte e para-se mesino na porta. Sabes onde é o ministerio dos Estrangeiros ?
 — Não.
 — Conheces o palacio do Nova Friburgo ? Deves conhecer, que diabo ! já tens oito dias de Rio de Janeiro !
 — Conheço.
 — Pois é nessas immediações ; quasi defronte.
 — Já sei pouco mais ou menos onde deve ser.
 — Pois vae tomar o bonde, e se feliz. Alli tens um dos de tostão.
 D'ahi a dous minutos, Secundino partia para a rua do Cattete.

III

O bonde parou no largo da Carioca.
 Uma senhora de meia idade, muito gorda, muito feia, mas luxuosamente vestida, aproximou-se para entrar no carro. Havia um unico logar desoccupado ao pé de Secundino. Este encolheu-se todo para deixar entrar a senhora, que só a muito custo conseguiu abrir caminho entre os joelhos do provinciano e o banco da frente.
 Depois de sentada, a senhora gorda encarou o seu visinho com um olhar cheio de odio, e disse bem alto, para que todos ouvissem :
 — Com effeito ! Sempre ha sujeitinhos muito maleriados !
 E repetio, depois de alguns segundos :
 — Sujleitinhos muito maleriados !
 — Isso é commigo, minha senhora ? perguntou Secundino timidamente.
 — Pois com quem ha de ser ? Se fazia tanto empenho em ficar na ponta do banco, devia levan-

tar-se um instantinho para deixar-me passar sem me magoar as pernas nem me amarrotar o vestido ! Ora vejam como ficou esta saia ! Patife !...

— Minha senhora, quem não se quer sujeitar a estas contrariedades, não anda de bonde : aluga um carro.

— Cale-se ! Não seja insolente ! Você responde assim por ver que não tenho um homem a meu lado !

E a senhora gorda percorreu com os olhos todos os passageiros do bonde, na esperança de que algum tomasse as dores por ella.

— O meu caiporismo ! reflectio Secundino. E, enfiado, apeiou-se no largo da Mãe do Bispo.

IV

Veio outro bonde. O provinciano entrou nelle, e um quarto de hora depois subia a escada da viuva Salgado.

Calcou o botão de uma campainha electrica. Veio um copeiro encasacado. Secundino entregou o cartão do seu amigo Borges, e esperou.

D'ahi a cinco minutos abriram-lhe a porta da sala, uma sala opulenta, atapetada com luxo, mobiliada sumptuosamente, cheia de quadros e quinilherias.

Esperou meia hora. Rasgou-se, afinal, um reposteiro de seda, e appareceu a dona da casa.

A viuva, mal encarou Secundino, gritou, cheia de surpresa e de colera :

— Pois é você, seu maleriado ? ! E eu que suppunha ser o senhor Borges ! Ponha-se já, já no olho da rua ! Já !...

Secundino reconhecêra na viuva Salgado a senhora gorda do bonde. Sahio da sala precipitadamente, e desceu a escada aos pulos. Só respirou na rua.

Foi, realmente, muito caiporismo !

ARTHUR AZEVEDO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

IV

(Continuação)

— Pelo contrario, o coronel Blanco amparou os seus sessenta annos de idade na existencia da mulher com quem se casou. Hoje, Dolores soffre a reacção ; é casada, mas, sem calcar a moral, busca illudir-se, amparando-se, por sua vez, a um organismo da minha tempera.

— Mas... esse procedimento é um crime. E é preciso que o evites, com muita habilidade, se não quizeres perder a mão de Carmen.

— Ha um ponto que não sei interpretar.

— Qual?...

— As sociedades impõem leis que restringem os limites das *exigencias* organicas. Quando a pessoa se deixa levar por paixões, é que o individuo não é escravo da moral e da moralidade. Dolores, por sua posição, deveria calar semelhantes impulsos, deveria lembrar-se de que é mãe, deveria ter conhecido que amó Carmen. Suffocasse impulsos que não são da sua posição; antes de recordar que é mulher, deve saber que é esposa. A senhora que se casa e segue sempre nas aguas da *coquetterie* é futil e desprezível; falta-lhe educação moral.

— Tens um estylo de pedagogo. Ora, até que afinal adivinhaste. Dissertaste tanto para chegar a uma conclusão que qualquer deduz sem conhecer o Sr. Darwin nem as suas leis fataes.

— A educação, disseste? Precisamente. Dolores não sabe o que é educação moral. Aos dose annes, uma prematura orphandade levou-a para um asylo de orphans.

— Tão pobre seria o pae....

— Um pintor italiano, honesto e trabalhador, cuja celebridade principiou depois que se foi para melhor vida. Nomearam um tutor para a pequena Dolores. O tutor de pobres recorre aos ricos ou aos asylos. A orphan sumio-se da restricta sociedade que frequentava e reapareceu aos quinze annos, com um medico que era o clinico do estabelecimento. Agora é facil imaginar o que poderia aprender Dolores no asylo em que esteve. Casada, o marido jurou domar aquelle espirito rebelde, alimentado de doutrinas escassas de bom senso, respirando ultramontanismo por todas as syllabas. Se continuasse, morria com cheiro de santidade. O esposo pouco poudo conseguir. Nasceu Carmen; as suas atencões foram todas para esse pequenino ente que todos os dias despertava com um sorriso e adormecia com outro, o sorriso da infancia que sauda a natureza e o sorriso da natureza que adormece a infancia.

— Vejo que és homem pratico e poeta ao mesmo tempo. *Un cœur d'acier qui chante le printemps!* Continúa....

— Depois, Dolores participou d'esses enlevos de mãe. Sensibilisou-se. Mostrou-se verdadeiramente mulher; detestou as amas de leite; teve ciumes; fez talvez um sacrificio, mas obteve grande exito: amamentou a filhinha....

— Hum, hum!.... gargarejou Lucio, torcendo, meio contrariado, as pontas do bigode sedoso que lhe sombreava o labio.

Carreró deu pela impaciencia do amigo.

— Que queres dizer com esse *hum hum*?

— Que quero dizer? .. homem.... quero dizer que preferia, em caso semelhante, que Dolores não tivesse esses enlevos nem ciumes, e, por ultimo, que não amamentasse a filha.

— Ora essa! não digas absurdos, Lucio...

— Não são absurdos; são conclusões tiradas de grandes e eloquentes premissas scientificas. Póde bem ser que não aceites a theoria da hereditariedade organica; entretanto, nada de mais verdadeiro. Analysa, por exemplo, um idiota ou um louco, cuja existencia anterior foi exemplar, isto é, era um individuo por extremo morigerado, não conhecia os efeitos alcoolicos nem esses fortes agentes que a sociedade offerece com todos os seus attractivos e que actuam poderosamente sobre o cerebro de um pobre mortal. Estuda esse infeliz, e chegarás ao bedouro da verdade. Ah! meu caro Carrero, a sciencia é o bisturi enorme, e a medicina é o grande propheta, o legitimo vidente; e com dupla vantagem: lê no futuro e decifra o passado. Toda esta dissertação explicará o que te disse: preferia que Dolores não houvesse amamentado a pequenina Carmen.

— Pois bem, estou ancioso pela explicação; entretanto, se poderes, sé explicito, claro. O grande defeito de vocês, homens do Esculapio, é fallarem tão enigmaticamente, que tudo quanto proferem se parece com um individuo que tivesse ingerido todo o dictionario grego! Falla-me claro!...

— Tens, por exemplo, um louco nas condições em que t'ò apresentei. Indagas, estudas pacientemente a sua arvore genealogica e resolves por fim o problema. A hereditariedade é uma das leis fataes. Um dos avós, ou dos bisavós, se quizeres, dava-se aos prazeres alcoolicos com excesso. Veio-lhe o *delirium tremens*, annos depois de casado e de ver-se pae. Na primeira geração predomina o temperamento nervoso, a irritabilidade e a tendencia a congestões cerebraes. Na segunda, ha augmento d'estas predisposições morbidas; apparecem a epilepsia, o hysterismo e a hypocondria. Na terceira, surgem, como que por milagre, accessos de máos instinctos ou actos de extrema excentricidade. Finalmente, na quarta, a surdi-mudez, a imbecilidade, o idiotismo, a esterilidade e a loucura desabrida.

— Comprehendo. O que me acabas de dizer é como que um phanal. O pae de Dolores, pintor de merito, como já t'ò disse, bebia exageradamente; o organismo vivia de ordinario n'um abatimento profundo. Quando o quieram dissuadir d'esse maldito vicio, respondia com esta fantasia de ebrio: deixo-me, que busco a inspiração.

— E a mãe de Dolores?

— Pobre senhora, a quem a sociedade de Montevideo apontou como martyr da dedicacão e do pezar. Morreu de uma hypertrophia, no momento em que contemplava um retrato que o marido concluira e que representava a pequena Dolores com uns traços sublimes de uma fantasia ardente de artista e de poeta. Esse quadro, pagaram-n'ò por elevado preço e constituiu o pequeno dote com que Dolores entrou para o asylo de orphans. O pintor não se deixára atar pelas cadeias do realismo da arte; bem pelo contrario, creando essa tela, desabriu com todas as convenções de escolas. O pensa-

mento do artista significava o orgulho de pae, a poesia sublime da maternidade e o elogio da criança: imagina duas grandes rosas, semi-pendentes como que a pedir um abraço uma á outra. Uma d'ellas possuia a vividez da flor em toda a sua pujança da natureza vegetal; a outra inclinava-se. As petalas emurcheciam e, por sobre ellas, a pallidez da ultima idade. O sublime, meu caro, é isto: os vultos d'essas duas grandes rosas sombreavam um pequeno botão. Essa vergonhea era o retrato de Dolores a desabrochar por um sorriso.

— Ultra-idealismo !...

— Ah! tens a história dos paes de Dolores. Agora, explica-me o sentido da phrase que ha pouco pronunciateste, isto é, que para Carmen melhor seria que Dolores não a tivesse amamentado.

— A amamentação, segundo os ultimos estudos do grande Pasteur e outros, não só póde influir directamente sobre o organismo, como indirectamente sobre o character individual.

— E' hypothetico.

— Como sempre são hypotheticos os principios scientificos que trilham pela primeira vez o campo dos conhecimentos humanos. Ainda ali verás a lei da hereditariedade.

— E que conclues de tudo isso?

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

SUPREMO GOSO

Nu como a natureza, a meu olhar triumphante,
Esplenda encantador teu corpo primoroso,
E minh'alma a teus pés, n'um beijo tempestuoso,
Toque alvorada á Carne, a eterna allucinante.

Linha a linha se ostente a correcção suprema
De tuas fôrmas gentis, divinas, tentadoras!
Mulher! sol que á existencia os horisontes douras!
Feliz quem no teu collo ouvir soar a hora extrema!

Não vale a vida inteira o rapido momento
De um beijo apaixonado, um beijo da que amamos;
Que, tal ao romper d'alva os passaros nos ramos,
Canta em nós da ventura o doce estonteamento.

No fulgido rubi de uns seios aromados,
— Beduino da volupia em busca de um carinho,
Na ebriedade do amor, mais quente que a do vinho,
Que a sede vão matar meus labios abrasados.

E como á viração, gloriosa tremulando
Uma flamula, assim eu vibre de anciedade,
O sangue alvorçado em rubra alacridade,
As fanfarras do goso estridulas sonand.

ALFREDO DE MAGALHÃES

THEATROS

A companhia de zarzuelas de D. Manoel Balles-teros deixou o Recreio e foi para o Polytheama; em compensação, a companhia Dias Braga, que tinha ido para o Polytheama, voltou para o Recreio, e poz em scena os *Lobos marinhos*, zarzuela em 2 actos e 4 quadros, de Ramon Carrion e Vital Aza, traducção de Azeredo Coutinho, musica de Chapi, já representada em portuguez no theatro Phenix Dramatica.

A companhia Dias Braga tinha já no seu repertorio a alta comedia, a comedia burlesca, o vaudeville, a tragedia, o drama, o melodrama, a oratoria, a revista, a magica, a opereta e até a opera: só lhe faltava a zarzuela... Pois ahi estão os *Lobos marinhos*, bem representados e menos mal cantados.

*

A companhia Sousa Bastos retirou-se para São Paulo.

*

Recebemos um exemplar da comedia em 1 acto, *De madrugada*, original de Americo Azevedo e representada com muita aceitação na capital do Pará. O autor, que é irmão de Arthur e Aluizio Azevedo, já ha mezes fizera representar naquella cidade outra comedia em 1 acto, intitulada o *Malquias*.

X. Y. Z.

Os editores Magalhães & Comp. obsequiaram-nos com um exemplar do *Missal*, de Cruz e Souza, e outro da *Buenadicha*, de Papus e Borja Reis. No proximo numero nos occuparemos d'esses livros.

Recebemos o primeiro numero da *Revista technica*, publicação mensal e illustrada de architectura, engenharia civil, agronomia e sciencias accessorias, dirigida pelo Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, engenheiro e architecto, ex-director da *Revista dos Constructores*, acreditado e illustre profissional.

Temos recebido tambem a *Semana*, de Corityba, o *Diario de Manhães*, e outros jornaes e periodicos de varios pontos da Republica. Agradecemos.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.